

Organização de
show 'cala' Frejat
em São Paulo

PÁGINA 3



Atrizes lêem
textos de autoras
femininas

PÁGINA 6



Peça premiada
volta a ser
encenada no Rio

PÁGINA 7



2º CADERNO

Pagodes com a grife Mart'nália

Cantora lança
álbum em que
revisita 12 clássicos
do gênero com hits
de grupos como Só
pra Contrariar, Raça
Negra, Molejo e
Revelação

A palavra “pagode” já
passeia pelo vocabu-
lário da nossa língua
portuguesa desde
o século XVI. Na-
queles primórdios,
“pagode” remetia aos encontros e reuniões de
músicos, não importando o estilo. Vale lem-
brar que, àquela altura, o samba ainda não
tinha nem nascido – ele só surgiria quatro sé-
culos depois. Mas, tão logo o samba chegou,
tomou para si rapidamente esse termo e pa-
gode passou a ser especificamente a festa do
samba, as rodas que reuniam compositores,
cantores e instrumentistas.

No final dos 1970, a partir das modifica-
ções que o gênero recebeu debaixo da tamar-
neira do Cacique de Ramos, “pagode” passou
a ser também a variação do samba criada por
aquela turma, que incluía Zeca Pagodinho,
Arlindo Cruz, Fundo de Quintal e tantos



Nili Caniné/Divulgação



*Embora não
se defina
como uma
pagodeira,
Mart'nália
abraça os
clássicos
do gênero
em seu
mais novo
trabalho*

outros. “Pagode” era o quê e o onde: ia-se ao
pagode ouvir pagode.

Mas o tempo seguiu em suas transforma-

ções. Saltadas mais duas décadas, já nos anos
1990, “pagode” passou a ser a linhagem mais
pop e romântica do samba, produzida por

grupos surgidos sobretudo de São Paulo, mas
não apenas. Nomes que logo explodiram na-
cionalmente, com grande sucesso comercial,
como Só pra Contrariar (do Alexandre Pi-
res), Katinguelê (do Salgadinho), Art Popu-
lar (do Leandro Lehart), Soweto (do Belo),
Exaltasamba (do Thiaguinho e do Péricles)
e Molejo (do saudoso Anderson Leonardo),
entre tantos outros. Fizeram história e for-
maram escola. Em mais um salto temporal,
chegamos em 2024. Unificando todos os
sentidos que a palavra “pagode” agregou em
500 anos de existência – mas dando o foco
principal à música criada por essa geração 90
do samba –, Mart'nália lança agora seu novo
álbum, “Pagode da Mart'nália”. O trabalho
marca a estreia da artista na gravadora Sony
Music e conta com participações especiais
de Caetano Veloso, Luísa Sonza e Martinho
da Vila. A produção foi dividida entre Mar-
cia Alvarez, Luiz Otávio e Marcus Preto. A
direção musical é de Luiz Otávio. A direção
artística é de Alvarez e Preto.

Na década de 1990, Mart'nália havia lan-
çado apenas um disco, em 1987. Na época,
ela ainda era backing vocal para o pai, Mar-
tinho da Vila, e se destacava como percussio-
nista. “O pagode dos anos 1990 fez um suces-
so enorme em todo o Brasil e ajudou muitos
músicos a mudarem suas vidas, a se encon-
trarem pessoal e artisticamente. Foi bem im-
portante ver esse crescimento nas festas, indo
para todos os cantos e misturando gente de
todas as idades”, lembra Mart'nália.

“O que estou fazendo nesse novo tra-
balho é reverenciar esses grupos e compo-
sitores. Pois eles ajudaram a criar uma co-
nexão maior do público com o samba, que
ainda era marginalizado naquele período.
Fazer essa releitura e juntar a cadência do
meu samba a essas canções contribui mui-
to para minha própria liberdade no cantar.
Esse repertório marcou muito a memória
afetiva das pessoas no passado e agora pode
conectar ainda mais as novas gerações ao
universo do samba”.

Continua na página seguinte

Seleção final de repertório focou no lado **afetivo da cantora**

De fato, memória afetiva não falta ao repertório final de “Pagode da Mart’nália”. A ideia era abranger o maior número possível de grupos, mas o que valeu como nota de corte final foi a relação de Mart’nália com cada canção.

O campeão em presença no setlist foi o Só pra Contrariar: dos mineiros, Mart’nália refaz “Que se Chama Amor” (José Fernando), “Essa Tal Liberdade” (Chico Roque/ Paulo Sergio Valle) e “Domingo” (Alexandre Pires/ Fernando Pires/ Vadinho/ Renato Barros) – essa com participação de Caetano Veloso e um lindíssimo arranjo de cordas de Itamar Assière e Luiz Otávio.

Do Grupo Raça, entraram “Eu e Ela” (Délcio Luiz / Ronaldo Barcellos) e “O Teu Chamego” (Beto Correa / Lucio Curvello / Pagom), com Martinho da Vila dividindo as vozes com a filha. O Raça Negra está representado com “Cheia de Manias” (Luiz Carlos), em dueto de Mart’nália com Luísa Sonza. O universo do Molejo está presente com “Clínica Geral” (Anderson Leonardo / Pedrinho da Flor) e o do Grupo Revelação, com “Coração Radiante” (Xande de Pilares/ Mauro Junior / Helinho do Salgueiro). Katinguelê e Exaltasamba são contemplados com os hits “Recado à Minha Amada” (Juninho do Banjo / Fi / Salgadinho) e “Sem o Teu Calor” (Péricles / Chrigror/ Isaias Marcelo). Por fim – não poderiam faltar – o Soweto é homenageado com uma nova versão de “Derê” (Ademir Fogaça) e o Art Popular, com “Sem Abuso” (Leandro Lehart).

A ideia de Mart’nália se debruçar especificamente sobre esse repertório surgiu de um sonho. Empresária de Mart’nália há 25 anos, Marcia Alvarez acordou no meio da

noite com a imagem e o som de sua artista cantando os versos de “Recado à minha Amada”, do Katinguelê: “Lua vai / Iluminar os pensamentos dela / Fala pra ela que sem ela eu não vivo / Viver sem ela é o meu pior castigo”. “Mas ela não conseguia deslanchar com a música. Aí eu dizia: ‘Vamos para Vila Isabel, lá você vai achar o caminho’”, lembra a empresária. “Chamei o Marcus Preto para me ajudar a focar o projeto nos anos 1990 mesmo, pesquisei um repertório que eu sabia que se encaixaria no tipo de discurso que Mart’nália gosta de cantar e fomos indo”.

Produtor por trás de álbuns lançados por Gal Costa, Erasmo Carlos e Nando Reis, entre outros, Marcus Preto se entusiasmou com a possibilidade de ver esse repertório renovado pela voz e pela identidade tão marcantes de Mart’nália. “Quando Marcinha fez o convite, eu aceitei na hora. Tinha maratonado o ‘Mano a Mano’ [podcast de Mano Brown] e só ali eu me dei conta da real dimensão dessa geração do pagode para uma parcela gigante de artistas, muita gente começou a história na música ouvindo esses caras”, diz Preto. “Visionária, Alcione cantou essa bola lá atrás, ainda nos anos 1990, e gravou um álbum com esses compositores no calor da hora. Mas nada mais foi feito nas dimensões que esse repertório merece. E Mart’nália seria a voz perfeita para isso”.

O trabalho do produtor musical Luiz Otávio foi levar os arranjos para Vila Isabel, berço do samba de Noel Rosa, Martinho da Vila e, conseqüentemente, da própria Mart’nália. Com sua extensa bagagem de jazz, soul e black music – além do próprio samba – e conhecendo profundamente o universo de Mart’nália, o produtor foi buscando o equilíbrio. “Foi desafiador e gratificante ao mesmo tempo repaginar algumas das canções que



Mart’nália canta com o pai Martinho da Vila numa das faixas do novo disco

são verdadeiros clássicos do pagode e que marcaram a história de tanta gente, inclusive a minha”, diz Luiz Otávio, também pianista da banda de Mart’nália. “Mart’nália é uma artista com uma voz e uma sonoridade ímpar, por isso a ideia era trazer essas canções para o estilo dela de pensar a música, misturando ritmos e propondo novos caminhos sonoros”.

O álbum contou com uma banda espetacular, tendo Claudio Jorge nos violões, André Siqueira na percussão e Theo Zagrae na bateria. Jamil Joanes, Ivan Machado, Ale-

xandre Katatau e Romulo Gomes se revezam nos baixos; Dadi e Julio Raposo se dividem nas guitarras. O próprio Luiz Otávio faz todos os teclados, com destaque ao número de voz e piano em “Essa Tal Liberdade”, em participação especial. Fred Camacho tocou o banjo em “Clínica Geral” e é de Hudson Santos o violão que seu ouve em “Recado à Minha Amada”. Os backing vocais são de Ronaldo Barcellos, Luiz Otávio e Mart’nália. As cordas de “Domingo” foram tocadas por Maresa Carneiro, Thiago Teixeira, Fernando Matta Marcos Graça (violinos), Diego Silva (viola) e (violoncelo), em arranjo de Assière e Luiz Otávio.

Reprodução Instagram Frejat

A indignação justa de Frejat ecoa nas redes

Artista que abriu o show de Lenny Kravitz no Allianz Park teve o microfone cortado na última música de sua apresentação

Por **Vitor Moreno** (Folhapress)

Frejat fez um desabafo nas redes sociais a respeito do final de sua apresentação na noite de sábado (23), que abriu o show de Lenny Kravitz no Allianz Parque, em São Paulo. O cantor brasileiro finalizava sua performance quando teve o microfone cortado.

“Indignado com o desrespeito que sofri ontem”, escreveu no Instagram no domingo. “Venho agradecer o carinho e o apoio do público presente que aplaudiu e cantou em cena aberta a canção que estava sendo tocada, essa que seria a última do meu show”, disse.

O músico também agradeceu “todas as postagens de apoio e indignação pelo ocorrido”. Diversos músicos se manifestaram nos comentários da publicação, como Roberto de Carvalho, Tico Santa Cruz, Zélia Duncan, Evandro Mesquita, Luiza Caldas, Fernanda Abreu e Angela Ro Ro.

“Meu amigo, você é peça fundamental da nossa cultura, te respeitar é o mínimo que todos temos que fazer”, escreveu Duncan. “Toda minha solidariedade e admiração! Seu público te conhece e certamente está do seu lado!”

Frejat se apresentou antes da atração principal subir ao palco. Boa parte do públi-



Frejat foi às redes sociais criticar a organização do evento e recebeu a solidariedade de fãs e colegas de profissão

co já estava no local e cantava em coro os hits da longa carreira do ex-líder do Barão Vermelho. No meio da última música, “Pro Dia Nascer Feliz”, o som foi cortado.

O combinado era que Frejat finalizasse

seu show até as 20h30. Segundo relatos de quem estava presente, foram menos de cinco minutos de atraso. O público tomou as dores do brasileiro e o aplaudiu com entusiasmo.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Sexto sentido

Gu Andersen acaba de apresentar seu novo single “Sexto Sentido”. A faixa faz parte do álbum solo “As Minhas Armas São Flores”, que será lançado em breve. A produção ficou a cargo de Bruno Dupre, vocalista do power trio Brasativa e produtor de destaque na cena pop. Refletindo a conexão entre um casal, a faixa é marcada por uma intuição profunda e sentimentos que transcendem a razão. O cantor descreve essa conexão como um “sexto sentido”, que ele define como uma voz interna que guia com coragem.

Rodrigo Pysi/Divulgação



Divulgação



Do fundo do baú do U2

O U2 compartilhou nas plataformas digitais a canção, “Luckiest Man In The World”, faixa de “How To Re-Assemble An Atomic Bomb”, coleção de dez faixas extraídas das sessões de gravação originais de “How To Dismantle An Atomic Bomb” (2004), o álbum aclamado pela crítica que venceu oito prêmios Grammy no ano seguinte. “How To Re-Assemble An Atomic Bomb” inclui novas músicas inéditas recentemente descobertas pelo guitarrista The Edge enquanto remexia nos arquivos da banda irlandesa buscando algo que pudesse marcar o aniversário do álbum original.

Tim Tronckoe/Divulgação



Em autoconhecimento

Segredos perdidos, sabedoria ancestral e conhecimentos esotéricos se misturam com rock em “Arcana”, novo single do Epica, banda holandesa que é referência do metal sinfônico que retorna com seu primeiro single inédito desde o álbum “Omega” e o EP colaborativo “The Alchemy Project”. “‘Arcana’ guia você pelos estágios universais da evolução espiritual na vida. Abre o caminho para uma consciência elevada e autoconhecimento espiritual. Escrever essa música foi um processo espontâneo, aconteceu de forma rápida e natural, como se tivesse se escrito sozinho”, diz a banda.

Divulgação

Retrospectiva no Rio, livro e destaque nas plataformas MUBI, a Max e a Amazon ampliam a relação da cinefilia brasileira com a obra do ator e cineasta, em cartaz nos EUA com 'Juror #2'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã



'Juror #2' é um misto de thriller e drama jurídico sobre ética, com a grife de Clint Eastwood

Estudo sobre ética, consciência pesada e arrependimento, "Juror #2", o novo (e talvez o último) filme com direção de Clint Eastwood, vai para a grade da plataforma MAX, nos EUA, no dia 20 de dezembro, às vésperas do Natal, após uma carreira restrita em salas de projeção americanas que serviu para gabaritar esse misto de thriller e drama de tribunal para a Oscar Season, a temporada de premiações anterior ao Oscar.

No enredo, o jornalista Justin Kemp (Nicholas Hoult), devotado na luta contra o alcoolismo, é escalado como jurado em um julgamento de feminicídio, mas enfrenta um dilema ao supor que ele pode ter sido o assino, num acidente de trânsito que cometeu sob o efeito da bebida. Essa entrada no streaming pode prejudicar sua carreira em outros territórios, inclusive no Brasil, que acaba de encerrar uma mostra dedicada à fase de figurante do eterno Dirty Harry.

O evento, integrado ao Festival Rio Fantastik, integra a maratona retrospectiva de Eastwood, em quatro fases, promovida no Estação NET Botafogo pelo crítico, curador e documentarista Mario Abbade a fim de revisar as diferentes expressões artísticas de Clint ao longo de sua carreira. Há um ano, Abbade lançou "Eastwood's Rawhide" (Editora Casa de Papel), um livro (obrigatório) sobre o seriado que consagrou o diretor de "Os Imperdoáveis" (1992). Prepara ainda um catálogo de luxo sobre o ator e cineasta. Além do trabalho do pesquisador carioca, o Brasil se reaproxima do realizador por meio da streaminguesfera, com a vinda de "Menina de Ouro" ("Million Dollar Baby") para a MUBI.

Estrondo de bilheteria, essa produção, que custou US\$ 30 milhões e faturou US\$

Eastwood no tribunal da consagração

Divulgação



216 milhões, está comemorando 20 anos. Lançado em 2004, sem alarde, esse drama esportivo, baseado no livro "Rope Burns: Stories from the Corner", de F.X. Toole, ganhou quatro Oscars: Melhor Filme, Direção (para Eastwood), Atriz (Hilary Swank) e Ator Coadjuvante (Morgan Freeman). Ímã de lágrimas, sua trama acompanha a peleja de uma jovem de origem pobre, Maggie (Hilary), para se firmar no pugilismo, treinando na academia do severo Frankie Dunn, vivido por Clint num de seus melhores desem-

penhos. Num ambiente majoritariamente masculino, Maggie é uma ave rara, dedicada e cheia de destreza. Com o apoio de Frankie, ela começa a acumular vitórias e se torna uma estrela, mas uma surpresa azeda do destino pode mudar os rumos de sua estrada.

É possível ver "Menina de Ouro" no www.mubi.com a partir de sexta-feira, mas o longa está também na grade da MAX, onde há outros títulos de Eastwood, como o magistral "Cavaleiro Solitário" ("Pale Rider", 1985). Embora o jazzístico drama musical

"Bird", de 1988, costume ser apontado como o filme que atraiu o respeito dos críticos para Eastwood como realizador, foi um western o real responsável por sua transição para a seara dos autores. Sua receita: US\$ 41,4 milhões. Além de dirigir, ele também assumiu o papel principal. Na telona, o ator e diretor vive o pregador que chega a um vilarejo de mineiros pobres submissos às humilhações do latifundiário Coy Lahood (Richard Dysart). Ninguém sabe o nome do pastor, embora o coração e outras partes da anatomia da adolescente Megan (Sydney Penny) latejem quando o religioso abre a boca em seus sermões do tipo: "E olhei e vi um cavalo claro; e o que nele montava era a Morte, e o Inferno o seguia". De colt em punho, o emissário do Senhor vai fazendo justiça em sequências fotografadas em tons pastéis por Bruce Surtees. Orlando Prado dublou Clint na versão brasileira, feita no finado estúdio Herbert Richers.

Outra joia pouco lembrada de Eastwood está no streaming, na Amazon Prime: "Crime Verdadeiro" ("True Crime", 1999). Esta tensa produção de US\$ 55 milhões, disponível na Prime Video para locação ou compra, buscou explorar uma faceta antes não trilhada pelo ator em sua fauna de tipos anti-heróicos: um jornalista investigativo. Espécie de Gay Talese caído em desgraça, o repórter Steve Everett, mulherengo e alcoólatra, foi decalcado da literatura de Andrew Klavan. O personagem tem dívida com a ex-mulher e com a filha. Mas dá preferência à missão de provar que um condenado à morte (Isaiah Washington) pode ser inocente. Começa uma corrida contra o tempo – e o racismo – que Eastwood constrói em tempo real, escavando tensão de cada um dos 127 minutos deste thriller jornalístico.

Torcemos por ti, Argentina!

Reestrea do sucesso 'Relatos Selvagens' ganha simbolismo político num momento em que 'nuestros hermanos' buscam para salvar seu cinema dos ataques do presidente Javier Milei

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Assombrada pelo avanço recente da ultradireita, encarnada na figura de Javier Milei, seu atual presidente, a classe cinematográfica da Argentina vem ganhando apoio das maiores maratonas cinematográficas do mundo desde o Festival de San Sebastián, em setembro, que exibiu um vídeo do maior astro de nuestros hermanos, Ricardo Darín, clamando "fuerza!", a mobilizar seus conterrâneos para que tenham fé.

O circuito exibidor brasileiro parece ter escutado seu clamor. Nesta quinta-feira, um dos maiores sucessos de público e crítica da América Latina, em escopo global, com o brilhante ator no elenco, regressa às nossas telas, numa (merecida) comemoração dos 10 anos de sua estreia: "Relatos Selvagens" (2014). Indicado à Palma de Ouro de Cannes e ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, esse longa-metragem em segmentos, produzido pela El Deseo de Pedro Almodóvar, levou 3,8 milhões de argentinos às salas de projeção, faturou cerca de US\$ 31 milhões mundo afora e conquistou 51 prêmios.

Chegou a ganhar holofotes até na TV aberta do Brasil, na Globo, com sessão dublada na "Tela Quente". Damián Szifrón, seu realizador, virou um talento tipo expor-



Cena do casamento que acaba em pancadaria em 'Relatos Selvagens', de Damián Szifrón, uma pérola argentina

tação, já rodando longas-metragens (como "Sede Assassina") em língua inglesa. Sua reestrea hoje ganha contornos de levante, como um ato midiático de resistência.

"Fico feliz quando as pessoas tentam encontrar uma marca identitária entre meus filmes, nos quais eu tento falar de pessoas que enfrentam demônios internos", disse o cineasta ao Correio.

A partir de contos morais sem conexão aparente, unidos apenas por um tema (a perda de controle sobre a fúria), Szifrón faz um painel sobre os descompassos que levam cidadãos de uma metrópole como Buenos Aires (e de províncias vizinhas) à atos de violência - e o faz com bom humor. Há o caso da mulher que encara a tentação de assassinar um político corrupto com veneno de rato. Há uma noiva que surta ao saber da impostura de seu amado, prestes a subir no altar. Há (a genial) batalha rodoviária entre motoristas que se estressaram no trânsito. Há ainda uma vitrine para Darín, que encarna Bombita, um pai de família enlouquecido pela burocracia estatal.

Divulgação

tem o teatro como pano de fundo e conta com o talento de Mirta Busnelli e Ana Pauls. Na trama, uma atriz de prestígio ensaia uma peça comercial, sem grandes méritos estéticos, no empenho de se manter na crista da onda. Mas sua caçula resolve sair de casa, deixando o ninho vazio.

Outro longa argentino que se consagrou em 2024 foi "Simón de la Montaña", de Federico Luis. Sua narrativa tem corrido pelo planisfério cinéfilo endossada pela conquista do Grand Prix da Semana da Crítica, seção paralela do Festival de Cannes, na França, que celebra cineastas em início de carreira. Construído numa tênue fronteira entre ficção e realismo documental, o longa narra o processo de amadurecimento de um jovem de 21 anos (vivido por Lorenzo Ferro), que, no coração da Cordilheira dos Andes, junta-se a um grupo de adolescentes neurodivergentes abandonados à própria sorte.

"Meu longa fez parte do grupo dos três últimos filmes que foram finalizados antes da mudança de governo no meu país. É quase um marco histórico de uma etapa que acaba e de outra, mais solitária para os artistas, que começa. É curioso criar uma analogia entre a nossa realidade atual e a trama que filmei. Nela, Simón se vê diante do desafio de escolher que decisões vai tomar para seu futuro. Nós, que fazemos cinema na Argentina, estamos na mesma situação: o que fazer agora?", disse Federico ao Correio.

Para o ano que vem, uma das maiores apostas da Argentina é o .doc "Chocobar", de Lucrecia Martel. Sete anos depois do aclamado "Zama", a cultuada diretora aposta nas narrativas documentais, explorando os bastidores políticos da morte do militante indígena Javier Chocobar por latifundiários.

Darín será visto no ano que vem na série da Netflix

"El Eternauta", sob a batuta do cineasta Bruno Stagnaro, realizador do cult "Pizza, Cerveja, Cigarro" (1998). A trama é baseada na HQ do desenhista Francisco Solano López (1928-2011) e do mítico roteirista Héctor Germán Oesterheld, "sumido" no ardor repressivo da ditadura de sua nação, em 1977. O quadrinho

foi lançado de 1957 a 1959 no suplemento "Hora Cero Semanal".

Há uma outra aposta da Netflix da criatividade argentina em gestação: um série animada da heroína mirim de tiras quadrinísticas Mafalda. Seu realizador será Juan José Campanella, que ganhou o Oscar, em 2010, por "O Segredo de seus Olhos".

"É triste notar que todos nós da América Latina nos identificamos com a discussão da corrupção", disse Darín ao Correio da Manhã em San Sebastián, ao exibir o sucesso popular "Argentina, 1985", que ganhou o Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Estrangeira em 2023.

Nestes tempos de insegurança acerca do futuro de sua indústria cultural, o cinema argentino sai em busca de prêmios com "Matem o Jockey!", ("El Jockey"), de Luis Ortega, que vai repretar sua pátria na luta por uma vaga na disputa da estatueta dourada de Hollywood em 2025. Ganhador do prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián, esta comédia de erros concorreu ao Leão de Ouro de Veneza. Na trama, Remo Manfredini (Nahuel Pérez Biscaryart) é um jóquei lendário, cujo comportamento autodestrutivo começa a ofuscar o talento e ameaça seu namoro com Abril (Ursula Corberó). No dia da corrida mais importante de sua carreira, que o libertaria de dívidas com um mafioso, ele sofre um grave acidente, some do hospital e vagueia pelas ruas de Buenos Aires.

Este ano outro título portenho de força foi "La Estrella Que Perdi", de Luz Orlando Brennan. É um drama de mãe e filha, que

CORREIO CULTURAL

Divulgação Netflix



Imagem da série 'Cem Anos de Solidão'

Netflix divulga trailer da série 'Cem Anos de Solidão'

A Netflix divulgou nesta segunda-feira (25) o trailer completo da série "Cem Anos de Solidão", inspirada no livro homônimo de Gabriel García Márquez.

Trailer mostra o início da relação entre José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán. O casal luta contra a família, que se opõe ao matrimônio. Prévia da série também

mostra a constituição da família Buendía, as paixões e os conflitos políticos que se sucedem na cidade de Macondo.

Com direção de Laura Mora e Alex García López, a adaptação desse clássico da literatura mundial terá 16 episódios. Assista ao trailer completo no link <https://11nk.dev/EL0kp>

Viva Eunice!

Fernanda Torres foi ao túmulo de Eunice Paiva (1929-2018), a quem interpreta no filme "Ainda Estou Aqui". Em suas redes, a atriz disse que a visita aconteceu há um ano, quando as filmagens do longa de Walter Salles chegaram ao fim.

Ave, Ridley!

Denzel Washington criticou a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, responsável pelo Oscar, por ainda não ter premiado Ridley Scott com uma estatueta. Ao The Hollywood Reporter, o ator afirmou que "já passou da hora".

Viva Eunice! II

"Fui sozinha agradecer a essa grande brasileira, pela honra de tê-la encarnado no cinema. Obrigada, Eunice", escreveu Fernanda. O nome da artista vem sendo apontado para ser indicado ao Oscar de Melhor Atriz por sua atuação magistral.

Ave, Ridley! II

"Você diria a alguém como que esse homem ainda não ganhou um Oscar? Façam seu trabalho. Estou falando sério", reclamou o ator de 68 anos, que protagoniza o longa "Gladiador II", o novo filme do realizador britânico, hoje com 86 anos.

Divulgação Globoplay



Patricia Lino/Divulgação



Divulgação



Lucélia Santos, Elisa Lucinda e Cristina Pereira estão entre os nomes de atrizes que participarão das leituras

Na hora que elas falam

Projeto de valorização da literatura reúne grandes atrizes em eventos gratuitos em bibliotecas

O projeto "Letras Femininas da Literatura" realizará nesta quarta e quinta-feiras (27 e 28) e no dia 13 de desm- broleituras dramatizadas de contos de grandes escritoras brasileiras, em três apresentações gratuitas, com a presença das atrizes Lucélia Santos, Elisa Lucinda e Cristina Pereira.

Serão apresentados contos de Julia Lopes de Almeida, contemporânea de Machado de Assis, à Taís Espírito Santo, jovem escritora do subúrbio do Rio de Janeiro, passando também pelas obras de Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, Olga Savary, Edla Van Steen, Eliane Potiguara, Tânia Jamardo Faillace, Dinah Silveira de Queiroz, Adélia Prado e Lygia Fagundes Telles.

A leitura dramatizada e per- formática dos textos será realizada

pelas atrizes citadas, pela atriz Sura Berditchevsky, pela atriz e cineasta Giulia Marinho e pelo ator, cineasta idealizador do projeto Rogério Cavalcante e Castro.

"Além de valorizar a produção literária feminina brasileira, o projeto visa contribuir para a formação de novos leitores. É um trabalho que reafirma a grande capacidade da escrita feminina no Brasil através dos tempos", diz Rogério.

"Um valor do nosso imaginário literário que fica além do gênero mas também o põe no lugar mais nobre da arte feminina. Contudo a literatura também pede para ser ordinária, cotidiana e presente no dia a dia. É essa força necessária que reivindica essas apresentações tão educativas e tão urgentes do lugar da mulher em nossa sociedade. E isso deve ser ensinado aos homens. E se faz mais gigante quando se une à arte

da interpretação, seja no palco ou na TV", acrescenta Cavalcante e Castro.

As apresentações serão nesta quarta-feira (27), na Biblioteca João do Rio, em Irajá, na quinta-feira (28), na Biblioteca Maria Firmina dos Reis, no prédio da Prefeitura, na Cidade Nova, e no dia 13 de dezembro (sexta), no Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia.

O projeto foi contemplado pelo edital Viva o Talento, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Cultura, com recursos da Lei Paulo Gustavo do Governo Federal. Maiores informações podem ser obtidas pelo perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/poetica.marginal/>

SERVIÇO

LETRAS FEMININAS DA LITERATURA

27/11, às 15h: Biblioteca João do Rio (Av. Monsenhor Félix, nº 512 – Irajá)

28/11, às 15h: Biblioteca Maria Firmina dos Reis (Rua Afonso Cavalcanti, nº 455 – Prefeitura - Cidade Nova)

13/12, às 15h: Centro Cultural da Justiça Federal – CCJF (Av. Rio Branco, nº 241 – Cinelândia)

Entrada franca

A guerra a partir de diferentes perspectivas e contextos mundiais está encenada no premiado espetáculo 'Esperança na Revolta'

A guerra a partir de diferentes perspectivas e contextos mundiais está encenada no espetáculo "Esperança na Revolta", o primeiro grande sucesso da Confraria do Impossível. Indicado três vezes ao Prêmio Shell de Teatro, incluindo a vitória de André Lemos na categoria de Melhor Direção. A peça retorna ao palco do Teatro Chica Xavier, nesta sexta (29), às 19h30, e permanece em cartaz até 8 de dezembro.

André Lemos fez história ao se tornar o primeiro diretor negro a conquistar o Prêmio Shell de Teatro na categoria de Direção, um feito inédito que abriu portas para que outros artistas negros também alcançassem esse reconhecimento. Sendo assim, a reestrea do espetáculo é mais do que um retorno aos palcos; é uma celebração do legado construído.

"É um momento de celebração e muita emoção estar de volta com o espetáculo que abriu tantas portas para mim e para a Confraria do Impossível. Essa peça marca o início da nossa trajetória e se tornou parte fundamental do que somos hoje", ele destaca.

De forma visceral, "Esperança na Revolta" expõe como a violência vivida em zonas de guerra ao redor do mundo e encontra paralelo na realidade das periferias do Rio de Janeiro, onde a população negra enfrenta diaria-



'Esperança na Revolta' expõe como a violência vivida em zonas de guerra ao redor do mundo e encontra paralelo na realidade das periferias do Rio

mente situações de brutalidade intensa. A diretora de movimento e atriz Cátia Costa ressalta essa perspectiva, afirmando que "desde o período colonial, vivemos dentro de uma perseguição e de uma política de genocídio que afeta esses corpos. Na peça, por exemplo, isso é representado pelo personagem Wesley, um jovem negro que traz consigo, desde o início, um medo constante dessa impossibilidade ou impossibilidade de sobreviver", conta.

Sobre o palco, os atores contam, cantam, jogam, dançam, tocam e vivem narrativas de sobrevivência em meio ao caos. A partir de uma história que ul-

trapassa os limites geográficos e culturais do nosso país, o que está em jogo nesse espetáculo é o ser humano diante da violência de seu tempo e como ele reage ou sobrevive a isso. E assim, o espetáculo demonstra que a guerra não atinge apenas alguns ou um determinado povo e sim todos, em diferentes escalas. De acordo com André, o objetivo é que o público enxergue a realidade com um olhar mais crítico: "Queremos que as pessoas percebam que a guerra e a opressão não são naturais, mas sim impostas por poderes maiores, movidos por interesses econômicos e manipulação; que essa experiência traga uma

consciência crítica e inspire uma resistência coletiva", frisa.

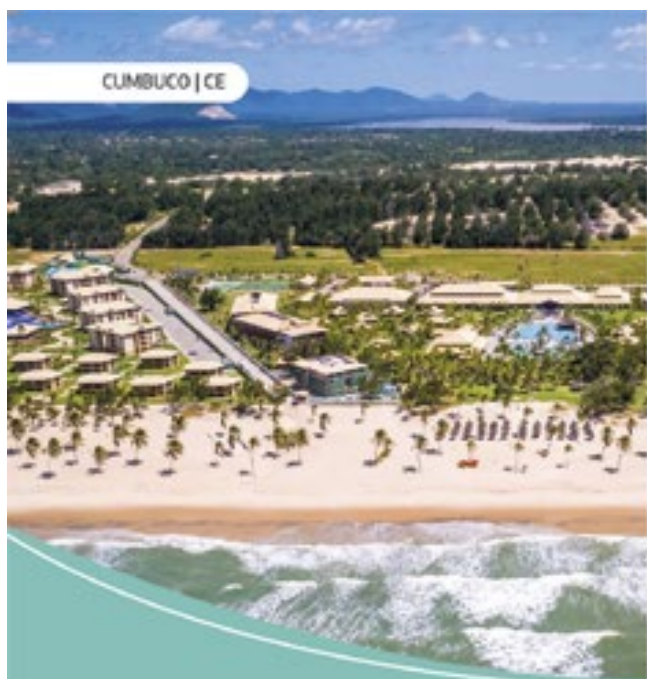
O espetáculo também traz consigo a força de uma trajetória que foi interrompida pela pandemia, mas que agora retorna com ainda mais vigor. Segundo André, "Em 2020, 'Esperança na Revolta' estava em ascensão, ganhando prêmios e iniciando uma turnê, quando tudo foi interrompido. Retornar com esse espetáculo é dar continuidade ao que começamos", afirma.

"Esperança na Revolta" é realizado pela Confraria do Impossível, uma Empresa de Arte Negra, fundada em 2010, comprometida com a descolonização

do pensamento social. O Terreiro Contemporâneo, premiado em 2020, é um espaço afrocêntrico para expressão artística e educação. Com colaborações de destaque e produções premiadas, como "Esperança na Revolta", a cia promove a diversidade e a justiça social.

SERVIÇO

ESPERANÇA NA REVOLTA
Teatro Chica Xavier - Terreiro Contemporâneo (Rua Carlos de Carvalho, 53 - Centro)
De 29/11 a 8/12, às sextas e sábados às 19h30, domingos às 18h)
Ingresso: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

